

PADRE DEHON EM SUAS CORRESPONDÊNCIAS

**Comissão Teológica Dehoniana Africana
CTDAF¹**

Introdução

“Dehon nos seus textos”. Este é o tema principal do Seminário Teológico Dehoniano deste ano de 2026. Tal como indicado na argumentação proposta para o efeito pelo Comitê Científico, o desafio deste tema consiste em fazer reviver os sonhos e as interrogações de Padre Dehon no nosso mundo atual, um mundo em profunda mutação. Assim sendo, a CTDAF foi convidada a abordar esta problemática a partir da correspondência de Léon Dehon. Esta correspondência está acessível online no *Dehondocs*, e que chama a atenção, à primeira vista, é tanto a sua quantidade como a sua diversidade. No *Dehondocs*, elas estão divididas em três grandes conjuntos: as cartas de Dehon, as cartas a Dehon e as cartas circulares. Dado o seu número, a CTDAF fez uma seleção para o trabalho deste seminário. Optamos por utilizar apenas as cartas de Dehon, partindo do pressuposto de que, através delas, poderíamos ter um acesso mais fiável a certas dimensões da figura de Padre Dehon. Estas cartas vão de 1864, quando ele acabara de obter o seu doutoramento em Direito em Paris, até 1923, dois anos antes da sua morte. Como justificar estes extremos temporais? Os compiladores nada dizem a esse respeito. Provavelmente, poderíamos conjecturar, são as cartas que lhes chegaram às mãos por intermédio dos destinatários ou dos seus familiares. Poderíamos também conjecturar que, com as forças a abandoná-lo, ele deixou de escrever dois anos antes da sua morte.

Os seus destinatários são numerosos e variados. Dito isto, optamos mais uma vez por nos concentrarmos em determinados destinatários em particular; na verdade, teria sido necessário pouco mais de um ano para ler e compreender 59 anos de produção epistolar. O critério fundamental para a seleção destes destinatários baseia-se na abundância da correspondência de Padre Dehon dirigida a eles. Neste contexto, optamos, portanto, por analisar as cartas enviadas a quatro grupos de correspondentes: os familiares, os amigos, as autoridades eclesiais e civis e os confrades. Ao considerar estes grupos de correspondentes no horizonte dos temas deste seminário, deixamos que a nossa investigação fosse guiada por este triplo

¹ Texto elaborado por: Alain Martial Nguetsop (CMR), Bienvenu Kaviri (RDC), Guy Bertrand Wabo (CMR), Joseph Kuate (CMR), Yanick-Dominique Nzanzu Maliro (RDC), Yvon Matthieu (MAD) e Zachaus Tembo (RSA).

questionamento: A que questões o Dehon das correspondências tentou responder? Quais foram as suas respostas face às expectativas dos seus destinatários implícitos? Qual seria, para hoje, a relevância destas questões e respostas de Dehon das correspondências?

A nossa apresentação dos resultados deste estudo articular-se-á em torno de três pontos essenciais. Em primeiro lugar, centrar-nos-emos nos destinatários implícitos das correspondências. Este primeiro percurso dar-nos-á já a oportunidade de chamar a atenção para os contextos históricos, de sublinhar os problemas e os desafios com que estes destinatários se deparam. Em segundo lugar, centraremos a nossa atenção no Dehon das correspondências. Ao aprofundar ainda mais os contextos de escrita, tentaremos, ao sublinhar a sua forma de abordar as questões dos seus destinatários, destacar algumas características importantes da personalidade do Dehon das correspondências. Concluiremos esta abordagem com uma reflexão sobre a recepção dos resultados do nosso estudo. Será assim uma oportunidade para avaliar e precisar os efeitos que um estudo como este poderá ter em relação às exigências contemporâneas.

I. Destinatários implícitos e Correspondência de Padre Dehon

Um estudo sobre Padre Dehon, a partir da sua correspondência, exige que não se ignore os destinatários, bem como as situações existenciais de que a correspondência se torna também veículo. Com efeito, tal como a figura de um autor só se delineia ao sabor das interações com a diversidade dos destinatários da sua obra, também a figura do Dehon da correspondência não se tece independentemente das suas redes de correspondentes. Daí a importância desta etapa que nos leva a dirigir o nosso olhar com atenção para os destinatários da correspondência de Padre Dehon, através da procura de alguns rostos do leitor implícito. Por outras palavras, a quem se dirige o autor implícito?

Como referimos na introdução, a epopeia epistolar de Léon Dehon articula-se em torno de um número significativo de destinatários. As limitações de tempo e as exigências metodológicas inerentes a um estudo de correspondência como o que aqui empreendemos obrigaram-nos a centrar-nos em alguns grupos de destinatários, entre os quais a família, os amigos, as autoridades religiosas e os confrades. Note-se que, no seio destes grupos, a amplitude da correspondência não é a mesma para todos. Dito isto, ao destacar os contextos que definem a realidade destes destinatários, esperamos também dar conta das questões e dos desafios ligados aos seus horizontes de vida e de pensamento.

I.1. A família

Nas correspondências dirigidas à família, os principais leitores implícitos são: os pais (Jules-Alexandre Dehon e Adèle-Stéphanie Vandelet), o seu irmão Henri, a sua prima em primeiro grau e cunhada Laure, as suas sobrinhas. Trata-se, em geral, de uma família proveniente da pequena burguesia rural, cujo pai foi não só um cervejeiro ambulante e criador de gado, mas também um homem político; foi presidente da Câmara de La Capelle de 1857 a 1862. Esta família, que é como um leitor, caracteriza-se pela sua filiação, proximidade e intimidade com Léon Dehon. Por isso, dedica-lhes um afeto e um apego inabaláveis.

A correspondência de Padre Dehon com a família começa em 1864, quando se compromete com o seu amigo Palustre a visitar o sudeste da Europa (Itália, Grécia, Balcãs), o Médio Oriente (Egito, Terra Santa, Líbano, Síria, Turquia) e a Europa Central. É, portanto, numa situação de afastamento de longa duração que a sua atividade epistolar para com a família ganha uma certa amplitude. O jovem Dehon afasta-se da sua família por muito tempo, num mundo pouco conhecido que, para os ocidentais, não brilha apenas de mistérios, mas também de perigos. Trata-se, portanto, de um contexto em que o leitor implícito vive uma distância angustiante de um ente querido. Dito isto, o essencial da produção epistolar terá como objetivo informar este leitor implícito não só das descobertas feitas durante essas viagens, mas também dissipar nele esse medo que provém de uma concepção que se tem, no Ocidente, sobre a periculosidade do mundo oriental. Neste contexto, o leitor implícito é tomado por uma sede de informação e uma necessidade constante de tranquilização. Assim, para além dos acontecimentos familiares e pessoais, a situação global articula-se em torno da necessidade de dar notícias, de relatar as experiências vividas e de partilhar os projetos futuros. É neste sentido que se pode não só compreender a abundância de cartas de Léon Dehon à família, mas também justificar a sua insistência na necessidade de os pais lhe escreverem regularmente².

Através destas correspondências, verifica-se que o principal problema ou desafio que parece colocar-se a este leitor implícito diz respeito, em primeiro lugar, à vocação sacerdotal do autor implícito. Constata-se, de fato, que o compromisso sacerdotal do autor implícito está no cerne da instabilidade, durante um período considerável, das suas relações com os pais e, mais e, com o pai. A este respeito, pode-se dizer que o leitor implícito se opõe firmemente à escolha vocacional do autor implícito e que até se sente atormentado por isso. É pelo menos o

² Cf. Inv. 217.12, Carta de Padre Dehon aos pais, Alexandria, 09.12.1964.

que atestam estas palavras de uma das cartas de Dehon ao seu pai: “Soube por várias fontes”, escreve ele, “que te atormenta a ideia de me ver tão cedo como clérigo”³. Este homem de tendência liberal sonha apenas com uma brilhante carreira civil para o seu filho e tem grande dificuldade em compreender a orientação religiosa que este dá à sua vida. É isso que transparece nestes poucos excertos da correspondência de Leon Dehon: *“Desejas para mim as honras e as riquezas e acreditas que o meu afeto por ti diminuiu. Pois bem, estás enganado. A dignidade de sacerdote não priva de honras, pois é a mais honrosa que se pode ter na terra”*⁴.

O desafio que se impõe, neste caso, ao leitor implícito é, portanto, o de conseguir sair deste profundo desacordo sobre o projeto de futuro do seu filho. Para dissuadi-lo deste projeto religioso, ele joga com o efeito do tempo, adiando tanto quanto possível a sua entrada no seminário: envia-o primeiro para estudar em Paris e propõe-lhe depois uma longa viagem ao Oriente e à Terra Santa. O objetivo desta estratégia é levar o filho a mudar de opção sem se mostrar coercivo nem lhe dar a impressão de uma coação. No entanto, perante a perseverança deste último, que acaba por seguir a vocação sacerdotal, percebe-se também um leitor implícito desapontado, ou mesmo revoltado; provavelmente tem a impressão de não ser ouvido ou de ter um filho desobediente. Este excerto da carta que o filho lhe enviou em janeiro de 1867 indica-o de forma bastante clara: *“A dor que sentes é consequência de um erro e, quando o reconheceres, abençoar-me-ás e darás graças a Deus e ficarás-me grato por ter sido contra o teu desejo”*⁵. Mas este pai em sofrimento terá de enfrentar outro desafio: o de colocar a felicidade do seu filho acima das suas próprias escolhas. Por outras palavras, vemos também emergir uma figura paterna aberta à realização da felicidade do seu filho, apesar das suas próprias reticências. O registro dessa abertura paterna desenha-se nestas palavras do filho: *“Agora, já que aceitaram a minha vocação e que a sua realização já começou, não resta senão seguir o caminho que o bom Deus nos indica através dos nossos sábios diretores”*⁶; *“Foste a primeira conquista do meu sacerdócio e dediquei todo o meu zelo, e continuarei a dedicá-lo, a guardá-la”*⁷. Concluímos este ponto sublinhando que este leitor implícito, através da correspondência de Léon Dehon, é também confrontado com o desafio da prática da sua fé cristã. As exortações à prática dos sacramentos e à oração são indícios que atestam algumas falhas neste domínio. Eis alguns excertos que o atestam: *“E se o pai deseja fazer-me um grande*

³ Inv. 218.19, Carta de Padre Dehon a Jules-Alexandre Dehon, Roma, 06.05.1866.

⁴ Inv. 218.35, Carta de Padre Dehon a Jules-Alexandre Dehon, Roma, 14.01.1867.

⁵ *Ibid.*

⁶ Inv. 218.42, Carta de Padre Dehon a Jules-Alexandre Dehon, Roma, 06.04.1867.

⁷ Inv. 218.78, Carta de Padre Dehon a Jules-Alexandre Dehon, Roma, 22.04.1869.

*prazer, que me escreva a dizer que vai à missa todos os domingos, quando pode*⁸; “*Conto que te ponhas em dia este ano para a comunhão pascal*”⁹. Então, o seu pai está de viagem em Paris, e exorta-o nestes termos:

*Podias aproveitar ainda a tua estadia em Paris para voltar a estar em graça com Deus. Recomendo-te que te dirijas ao pároco de Notre-Dame-des-Victoires. É um ancião santo e venerável. Podes perguntar por ele na sua igreja. Isso não te exige um grande sacrifício, uma vez que a única coisa que te falta é a observância do domingo. Basta que tomes a boa resolução de assistir à missa todos os domingos, salvo impedimento grave. O bom Deus não é de todo exigente e nós não somos de todo sensatos em arriscar a nossa salvação eterna por tão pouco.*¹⁰

O nosso leitor implícito encontra-se, portanto, marcado pela necessidade de um apoio espiritual. Ele precisa ser encorajado e incentivado a viver os compromissos do seu batismo.

I.2. Os amigos

Na correspondência com os amigos, destacam-se Léon Palustre e Charles Désaire. O seu amigo Palustre é um intelectual apaixonado pelas letras, pelas artes e, sobretudo, pela arqueologia. Conheceu Padre Dehon na Faculdade de Direito de Paris. Doutor em Direito e advogado, dedicou-se inteiramente à arqueologia e à história da arte. Membro da Sociedade Francesa de Arqueologia desde 1862, foi seu presidente de 1876 a 1883. Entre as suas numerosas obras, destaca-se *La Renaissance en France* (3 vol., Paris 1879-1885), que não conseguiu terminar. Pode-se assim notar que o essencial da relação entre Padre Dehon e Palustre se tecerá, portanto, em torno do mundo acadêmico, da cultura e da descoberta. Este espírito de investigação e descoberta que caracteriza a sua sede comum de conhecimento manifesta-se através da sua paixão comum pelas viagens: viajaram juntos pela Inglaterra, Escócia e Irlanda em 1862, pela Europa Central e Escandinávia em 1863, e pelo Médio Oriente em 1864-1865. Note-se também que ele teria desejado tornar-se dominicano, mas acabou por se orientar para uma vocação matrimonial. Este elemento dá-nos, em certa medida, uma ideia do aspecto religioso da vida de Palustre. Este desejo frustrado de se tornar religioso testemunha, ainda assim, um certo percurso espiritual. Este leitor implícito é o companheiro de viagem com quem o autor implícito fez a sua primeira grande viagem pelo Médio Oriente, viagem que despertou profundamente o espírito do jovem Dehon para a realidade do mundo oriental.

⁸ Inv. 218.41, Carta de Padre Dehon a Jules-Alexandre Dehon, Roma, 11.03.1867.

⁹ Inv. 218.42, Carta de Padre Dehon a Jules-Alexandre Dehon, Roma, 06.04.1867.

¹⁰ Inv. 218.38, Carta de Padre Dehon aos pais, Roma, 3 de fevereiro de 1867.

Charles Désaire, por sua vez, é um clérigo francês que, entre 1866 e 1868, foi colega de Padre Dehon no Seminário Francês de Santa Clara, em Roma, onde também foi ordenado sacerdote em 1868. Após dois anos de serviço como capelão em Roma, ingressou, em outubro de 1870, na Congregação da Assunção, em Nîmes, na qual pretendia dedicar-se à reforma dos estudos eclesiásticos superiores na França. Decepcionado com esse projeto, abandonou abruptamente a congregação em 1873 e ingressou no clero diocesano de Paris. Foi sucessivamente vigário de Saint-Ambroise (1874), de Saint-Jacques-Saint-Christophe-de-la-Villette (1887), de Sainte-Marguerite (1897), depois pároco de Choisy-le-Roi (1900) e, finalmente, pároco de Saint-Jean-Baptiste-de-Grenelle, em Paris (1904). Para além da amizade no Seminário Francês, Charles Désaire foi sobretudo um grande amigo espiritual com quem o Padre Léon Dehon tinha concebido o projeto de fundar uma congregação religiosa especialmente dedicada aos estudos eclesiásticos superiores. Partilhou, portanto, com Léon Dehon uma importante proximidade espiritual e sacerdotal. Com este último, a partilha centrar-se-á essencialmente nas suas buscas espirituais e vocacionais, bem como nos domínios eclesiais e pastorais.

O leitor implícito aqui encontra-se, portanto, numa relação de companheirismo sacerdotal e espiritual com o autor implícito. Nesse sentido, pode-se dizer que se trata de uma pessoa com quem compartilhou abundantemente uma parte importante do seu quotidiano, das suas dúvidas, dos seus medos e dos seus sonhos. Com ele, partilha uma certa proximidade humana, intelectual e espiritual. O desafio que se impõe a este leitor implícito e que ele partilha com o autor implícito é, sobretudo, o discernimento vocacional. Os percursos de Palustre e de Désaire atestam este trabalho de discernimento vocacional: se Palustre acabou por se casar, foi precisamente na sequência de uma incursão infrutífera junto dos dominicanos; antes de se estabelecer definitivamente na sua diocese, Désaire, por seu lado, fez um desvio pelos Assuncionistas; durante muito tempo, foi convidado por Padre Dehon a tornar-se membro da sua congregação.

I.3. As autoridades religiosas

Também aqui, o leitor implícito é múltiplo e está sempre inserido na Igreja institucional. Trata-se essencialmente de bispos diocesanos (Soissons, Cambrai, Malines, etc.), cardeais romanos (Rampolla, Ferrata, Ledóchowski, van Rossum, Gasparri, Merry del Val, Laurenti), vigários gerais e vigários capitulares, responsáveis por dicastérios (Bispos e

Regulares, Propaganda Fide Index, Santo Ofício), alguns leigos influentes (Toniolo, Chesnelong, etc.), mas sempre numa lógica eclesial. No que diz respeito aos bispos diocesanos, o tema central da correspondência gira em torno dos pedidos, nomeadamente de aprovações, recomendações, autorizações e condecorações. Para os cardeais romanos, os assuntos estão frequentemente ligados a pedidos de aprovação da congregação, bem como a questões relativas à disciplina e às missões. A este nível, parece que o leitor implícito está dotado de um certo poder e de competências diversas; versado na linguagem canônica e na disciplina eclesial, está atento à doutrina e às orientações da política eclesial.

É importante salientar que este leitor implícito atua num ambiente eclesiológico fortemente piramidal, onde se manifesta uma concepção hierárquica e descendente da Igreja. Trata-se, portanto, de um modelo eclesiológico em que o poder, a autoridade e a graça parecem circular num movimento que vai do topo para a base. Assim sendo, mantém-se amplamente uma forte distinção entre a Igreja “ensinante” (o clero) e a Igreja “ensinada” (os fiéis). Neste sentido, a transmissão é praticamente unidirecional: sendo a autoridade espiritual e administrativa percebida como emanando do topo, a transcendência pretende ser essencialmente descendente. Por outras palavras, a forma institucional tende a prevalecer sobre a natureza comunitária da Igreja. Neste contexto, o horizonte de expectativa deste leitor implícito, formado num horizonte ultramontano, marcado pela centralidade de Roma enquanto sede institucional da Igreja (*Propaganda Fide*, bispos e religiosos, Santo Ofício), a desconfiança em relação às “revelações” e ao modernismo, a valorização das congregações úteis (escolas, missões, obras sociais), a sensibilidade à obediência, à disciplina, à “boa doutrina”. Globalmente, este leitor implícito também deveria desenvolver uma certa sensibilidade para a espiritualidade do Coração de Jesus, bem como para as questões sociais e missionárias. Progressivamente, portanto, nós o vemos deslizar do círculo francês para o círculo romano, depois para a rede missionária mundial, passando pelo meio antimodernista.

Neste contexto, o leitor implícito depara-se com vários desafios. Em primeiro lugar, há o desafio de aprovar ou não a obra iniciada pelo autor implícito. Neste sentido, a questão passa a ser saber se a congregação é fiável e merece reconhecimento jurídico. Em torno deste desafio gira um conjunto de problemas. Destacamos, em primeiro lugar, a questão das suspeitas doutrinárias relacionadas com as revelações ditas sobrenaturais da Irmã Maria de Santo Inácio: será que a obra seria fruto de uma vidente suspeita? Segue-se, depois, a questão da utilidade eclesial e pastoral da congregação: qual seria o contributo desta obra para o progresso pastoral da Igreja. O que está em jogo a este nível é a fidelidade à fé e à comunhão eclesial. Na sequência

deste primeiro desafio, surge também o desafio do empenho sociopolítico e missionário da Igreja. A questão aqui é a da fidelidade às orientações do magistério em matéria de compromisso social e político, tendo como pano de fundo a encíclica *Rerum novarum* de Leão XIII. A esta questão da fidelidade à doutrina social da Igreja acrescenta-se a do compromisso e da organização da atividade missionária *ad gentes*: como criar uma organização das missões que seja eficaz e canonicamente sólida?

I.4. Os confrades

No que diz respeito à correspondência dirigida aos confrades, constata-se também que o destinatário implícito é múltiplo. Embora seja verdade que, em geral, eles estão ligados a Padre Dehon por uma filiação espiritual, verifica-se que se delineia uma diferença consoante as atitudes, as funções e as missões. Neste grupo de confrades, é possível notar uma certa recorrência da correspondência com o P. Stanislas Falleur, os padres enviados em missão (*ad gentes*) e, em menor medida, os formadores e os jovens em formação. O que caracteriza globalmente este grupo é a filiação religiosa com o autor implícito. São todos filhos espirituais de Léon Dehon e, por isso, consideram-no como um “Pai”.

O P. Stanislas Falleur está entre os primeiros confrades (religiosos-sacerdotes) que entraram na obra de Padre Dehon. Foi acolhido em outubro de 1879. De 1878 a 1883, foi professor do 8º ano e, posteriormente, do 6º ano no Colégio São João, em São Quintino, no qual se tornou também ecônomo em 1881. No início de 1883, Padre Dehon enviou-o para fundar o noviciado de Sittard, juntamente com o P. François-Xavier Lamour. Foi depois diretor da escola apostólica de Fayet (1883-1884), diretor do coro da basílica de São Quintino (1886-1893), professor e diretor espiritual na escola apostólica de Fayet (1893-1897), superior do noviciado de Fourdrain (1897-1905) e, finalmente, superior da casa de São Quintino de 1908 a 1913 e novamente de 1924 a 1929. Foi também ecônomo geral (de 1888 até à sua morte) e procurador geral (1888-1891) da congregação. O leitor implícito aqui é, portanto, um formador, um professor com competências na gestão de bens e de pessoas. É também uma espécie de secretário particular do autor implícito; parece uma espécie de chanceler a quem este confia a redação de algumas das suas cartas e até a preparação do capítulo¹¹. É a ele que remete a correspondência com os benfeitores, o pagamento das pensões dos escolásticos nos diferentes

¹¹ Cf. Inv. 1126.03, Carta de Padre Dehon à Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, São Quintino, 31.07.1896.

seminários (São Sulpício, Issy, Roma, Luxemburgo, Sittard...). Parece, portanto, que para além mesmo do laço religioso que os une, este leitor implícito partilha com este autor implícito uma grande proximidade; sendo importante a sua responsabilidade na evolução da congregação. Uma prova desta proximidade é visível na abundância de correspondência que lhe é dirigida. A regularidade é, por vezes, de dois em dois dias, dependendo dos períodos, e mesmo quando se encontra no estrangeiro, mantém a mesma regularidade através do correio. É uma das pessoas mais bem informadas sobre a organização e a vida quotidiana do autor implícito, cuja frequência de cartas lhe permite conhecer os movimentos ao pormenor.

Entre os missionários mais destacados encontra-se o P. Gabriel-Marie Grison. Ordenado sacerdote em 1883, ingressou na Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, onde fez a sua profissão em setembro de 1887. Foi missionário no Equador (1888-1896), onde dirigiu o colégio de Bahía de Caráquez, e depois no Congo Belga (1897-1942). Prefeito apostólico de Stanley-Falls de 1904 a 1908, foi nomeado em março de 1908, bispo titular de Sagalassus e vigário apostólico de Stanley-Falls, cargo do qual se demitiu em março de 1933. Faleceu em Kisangani em 1942. Neste contexto, o leitor implícito que habita as cartas aos confrades missionários é, em geral, uma pessoa longe de casa, chamada a um esforço de adaptação ao mundo novo e às novas culturas que se lhe abrem. Tem frequentemente a responsabilidade de almas em nome do seu compromisso pastoral. É também, muitas vezes, um professor, um pastor movido por uma séria preocupação pastoral e missionária. No âmbito da realização da sua missão, este leitor expressa a necessidade de ser apoiado espiritual e materialmente. É um dos subentendidos desta passagem de uma correspondência de Padre Dehon ao P. Grison: *“Não se comprometa demasiado. Você não pode vir pedir doações na França. É nos Estados Unidos que poderá ver se há recursos”*¹². Ele também precisa de mais recursos humanos. Isso transparece bastante bem neste excerto de uma correspondência de Padre Dehon ao P. Grison, então missionário no Equador: *“Está errado em pensar que não confio em ti porque não lhe enviei exatamente os padres que pediu. Fiz o melhor que pude. O que mais poderia eu ter feito? Não posso considerar apenas os interesses de uma missão”*¹³.

¹² Inv. 500.11, Carta de Padre Dehon ao P. Gabriel-Marie Grison, São Quintino, 20.12.1892.

¹³ Inv. 500.10, Carta de Padre Dehon ao P. Gabriel-Marie Grison, São Quintino, 19.11.1892. A 2 de agosto, o padre Dehon enviou para o Equador os irmãos Sigisbert Schneberger, Christophe-Marie Dumont e Bonaventure Henning (cf. ILD 50006 e NQT 6/6), para ajudar o padre Grison no colégio de Bahía de Caráquez. Os dois primeiros eram professores competentes, mas ainda não eram padres e tinham de concluir os seus estudos de teologia, o que causou ao padre Grison uma certa desilusão (cf. G. GRISON, *Souvenirs de l'Équateur*, Roma 1931, pp. 180-181).

À luz da correspondência de Padre Dehon, vários desafios se impõem a este leitor implícito. Em primeiro lugar, há o desafio da vida espiritual: será que ele compreende e leva a sua vida religiosa e pastoral de acordo com o horizonte espiritual que o autor implícito tem da sua obra? Em relação a esta questão, há a da vida comunitária: é o desafio da caridade fraterna. A questão econômica está também no centro da correspondência de Léon Dehon. A este nível, o desafio que se coloca ao leitor implícito é sobretudo o da vivência dos seus votos religiosos, especialmente os votos de pobreza e de obediência. Este desafio gira em torno de duas questões importantes: como aumentar os recursos materiais e financeiros da congregação e como colocá-los ao serviço de todos e da Igreja? O último desafio para este leitor implícito é o do crescimento da congregação e das suas obras. Trata-se também do recrutamento vocacional, da formação e do empenho na promoção do carisma da congregação.

Para concluir este ponto, note-se que a carta, desde os tempos antigos, tem estado presente nas relações humanas como um meio de intercâmbio e comunicação. No século XIX, devido à crescente alfabetização das sociedades, a carta tornou-se o principal meio de comunicação social para superar as distâncias. Assim, tornou-se um elemento estruturante da vida familiar, dos laços comerciais e das relações entre instituições ou organizações. O gênero epistolar era, por isso, um meio privilegiado para manter laços, expressar sentimentos, relatar o quotidiano e resolver assuntos. É na consciência deste lugar preponderante da correspondência no século XIX que podemos situar e compreender a abundância e a diversidade da correspondência de Padre Dehon. É um traço do que ele realmente é, filho do seu tempo. Sendo assim, observemos de perto as figuras do autor implícito que estas correspondências traçam.

II. O Dehon das correspondências

Este segundo ponto propõe uma leitura global da correspondência de Léon Dehon em duas partes complementares. A primeira seção (II.1) centra-se na forma das suas cartas: os seus temas, o seu papel na sua vida, os seus recursos literários e as múltiplas fontes – bíblicas, culturais, históricas – que mobiliza. Vê-se aí um escritor sensível, organizado e atento aos seus destinatários, capaz de passar da ternura familiar (“Abençoo-vos de todo o coração”) para imagens poéticas ou exortações espirituais. A segunda seção (II.2) explora o conteúdo destas correspondências, ou seja, o que elas revelam sobre as suas grandes orientações espirituais e as

diferentes facetas de Dehon: o homem da cruz, o crente confiante na Providência, o apóstolo do Sagrado Coração, mas também o fundador, o gestor prudente e o guia espiritual.

II. 1. A partir da forma dos seus escritos epistolares

II. 1. 1. Os temas centrais da correspondência de Léon Dehon

Através das suas cartas, Léon Dehon desenvolve um universo epistolar de grande riqueza, onde cada categoria de interlocutores revela uma faceta diferente da sua personalidade, das suas preocupações e da sua missão. As suas cartas familiares são dominadas pela tensão entre vocação e fidelidade filial, onde se expressa um coração dividido entre a obediência aos pais e o apelo interior. São também um espaço de exortação espiritual, como quando convida o pai a retomar a prática religiosa: *“Poderias voltar a estar em graça com Deus... assistir à missa todos os domingos”*¹⁴.

Com os seus amigos, nomeadamente Léon Palustre, as cartas abrem-se à cultura, à beleza do mundo e à amizade intelectual. Ele descreve com admiração *“as encostas cobertas de vinhas da pitoresca cidade de Bar-le-Duc”*¹⁵ ou ainda *“os monumentos irrepreensíveis”* de Atenas, cuja *“harmonia e beleza das formas encantam a imaginação”*¹⁶. A Palustre, confia também as suas impressões sobre Roma e o Concílio Vaticano I: *“O grande acontecimento atual de Roma é a preparação ativa do Concílio”*¹⁷, sublinhando *“as suas belezas sobrenaturais”*.

As cartas aos confrades constituem outro registro, centrado na governança do Instituto, na formação, na vida fraterna e na missão. Dehon dá-lhes orientações concretas: *“Aproveitem a ocasião para iniciar em cada casa um caderno de balanços... Deus abençoará a vossa obediência”*¹⁸. Estas cartas são também o local do discernimento vocacional, nomeadamente nas trocas com o P. Désaire, onde insiste na docilidade à graça e na reparação sacerdotal.

Por fim, as cartas às autoridades eclesiais de Soissons são marcadas pelos temas da obediência hierárquica, da defesa das obras, das crises institucionais e da busca da aprovação

¹⁴ Inv. 218.37, Carta de Padre Dehon a Jules-Alexandre Dehon, Roma, 3 de fevereiro de 1867.

¹⁵ Inv. 217.01, Carta de Padre Dehon aos pais, Estrasburgo, 23.08.1864.

¹⁶ Inv. 217.07, Carta de Padre Dehon aos pais, 12.10.1864.

¹⁷ Inv. 219.02, Padre Léon Dehon, a Palustre, Roma, 21.03.1869.

¹⁸ Inv. 294.40, Carta de Padre Dehon, aos confrades, 14.03.1905.

romana. Nelas afirma a sua determinação: *“Quero defender até ao fim o direito de propriedade...”*¹⁹, e regozija-se quando *“a nossa pequena congregação acaba de receber o decreto de aprovação da Santa Sé”*²⁰. Estas trocas de correspondência revelam um Dehon estrategista, prudente, diplomático, preocupado com o futuro da sua obra.

II. 1. 2. A correspondência na vida de Dehon

As cartas de Léon Dehon não são meras trocas de informações. Constituem para ele um espaço vital de construção interior, um lugar onde se formam o seu pensamento, a sua vocação e a sua sensibilidade. Nas cartas aos pais, a escrita torna-se um exercício espiritual e afetivo: nela relê a sua vida, nomeia as suas graças e aprofunda o seu chamamento. Assim, confia: *“Não posso senão repetir-vos todas as delícias que encontro ao serviço de Deus”*²¹, ou ainda: *“A religião não diminui o amor pela família, mas torna-o mais verdadeiro e mais ardente”*. Nestas trocas, aprende a articular fé, afeto e discernimento, e a tornar-se o pastor da sua própria família.

Com Léon Palustre, as cartas tornam-se um laboratório intelectual e estético, onde Dehon afina o seu olhar sobre a arte, a história e a cultura. Revela nelas um gosto seguro, uma sensibilidade poética, uma inteligência contemplativa: *“A cada dia que passa, apego-me mais a Roma e, sobretudo, às suas belezas sobrenaturais”*²², ou ainda: *“Abrirás um pouco a tua alma à poesia destes sentimentos e fechá-la-ás à aridez da crítica”*²³. Estas correspondências alimentam a sua cultura, estimulam o seu discernimento e permitem-lhe pensar a Igreja na longa duração da história.

Por fim, nas suas cartas às autoridades, a escrita torna-se um instrumento de ação eclesial. Dehon reflete nelas sobre o Concílio Vaticano I, sobre a missão da Igreja, sobre as crises políticas: *“Todas as questões religiosas mais elevadas... serão tratadas”*²⁴; *“Os nossos infortúnios são obra de Deus, que quis punir tanto o governo como a nação”*.²⁵ A escrita

¹⁹ Inv. 294.22, Carta de Padre Dehon a Louis Armand Vitry, São Quintino, 18.01.1905.

²⁰ Inv. 1102.08, Carta de Padre Dehon a François Gulhen, São Quintino, 31.07.1906.

²¹ Inv. 218.10, Carta de Padre Dehon aos Pais, Roma, 10.01.1866.

²² Inv. 219.02, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, Roma, 21.03.1869.

²³ *Ibid.*

²⁴ Inv. 219.08, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, Roma, 12.10.1869.

²⁵ Inv. 219.13, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, La Capelle, 7.10.1870.

permite-lhe compreender o mundo, discernir nele a Providência e empenhar-se nele com lucidez.

Assim, as correspondências não são um simples apêndice da sua vida: são o seu coração pulsante, o lugar onde se tecem a sua vocação, o seu pensamento, a sua cultura e a sua ação. Revelam um Dehon profundo, sensível, culto, espiritual, e contribuíram para moldar o fundador em que se tornaria.

II. 1. 3. Os recursos formais da correspondência de Dehon

Nas suas cartas, Léon Dehon demonstra uma escrita surpreendentemente dominada, onde vários recursos formais estruturam o seu pensamento e revelam o autor implícito. Em primeiro lugar, baseia-se numa organização rigorosa, avançando sempre segundo uma progressão clara – situação, análise, sentimento, pedido – como quando escreve a Palustre: “*Eu me abandono... à felicidade sobrenatural do sacerdócio*” antes de passar ao Concílio e à estenografia²⁶. Esta estrutura é sustentada por um uso constante de metáforas e imagens poéticas, que transformam Roma numa paisagem espiritual: “*As colunas dos seus templos são os santos... as rosas do martírio destacam-se pelo seu brilho e pelo seu perfume*”²⁷. Nas suas cartas de viagem, recorre a um registro descritivo preciso, quase pictórico: “*As encostas cobertas de vinhas da pitoresca cidade de Bar-le-Duc*”²⁸ ou ainda “*As florestas de oliveiras, as sebes de cactos e de aloés*”.²⁹

A estes procedimentos junta-se uma abordagem perfeitamente adaptada ao destinatário: terna e filial com os pais (“*Abraço-vos de todo o coração*”), fraternal e intelectual com Palustre (“*Abraço-te de todo o coração*”³⁰), respeitosa e hierárquica com as autoridades. Por fim, Dehon recorre a uma retórica espiritual e persuasiva, composta por exortações suaves e argumentos teológicos: “*A mortificação é um sacrifício de expiação*”³¹, ou ainda “*Nosso Senhor digna-se a conceder-nos audiência todas as manhãs*”³². Estes recursos formais – estrutura, imagens, descrição, estilo, retórica espiritual – conferem à sua correspondência uma

²⁶ Inv. 219.02, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, Roma, 21.03.1869.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ Inv. 217.01, Carta de Padre Dehon aos Pais, Estrasburgo, 23.08.1864.

²⁹ Inv. 217.07, Carta de Padre Dehon aos Pais, Atenas, 12.10.1864.

³⁰ Inv. 219.05, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, Roma, 16.07.1869.

³¹ Inv. 218.59, Carta de Padre Dehon aos Pais, Roma, 31.01.1868.

³² Inv. 219.02, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, Roma, 21 de março de 1869.

densidade rara e revelam um autor já plenamente formado, capaz de unir cultura, sensibilidade e profundidade espiritual numa escrita viva e dominada.

II. 1. 4. Recursos materiais da Correspondência

Nas suas cartas, Léon Dehon recorre a uma rede de recursos materiais de grande riqueza, onde se misturam as Escrituras, a tradição espiritual, a história, a arte e até as ciências. A sua primeira fonte é bíblica: ele relê a sua formação à luz dos Evangelhos, afirmando que “*o tempo do seminário corresponde aos anos que os apóstolos passaram junto do Salvador*”³³, e invoca a parábola do “filho pródigo”³⁴. Baseia-se também em autores espirituais, recomendando à sua mãe “*as lições de piedade suave e acessível de São Francisco de Sales*”³⁵ e citando os mártires da Coreia como modelos de fervor³⁶. A isto juntam-se recursos históricos e culturais: a Antiguidade grega (“*Os seus monumentos irrepreensíveis*”³⁷), o Egito “*as ruínas colossais de Mênfis e Tebas*”³⁸, a Idade Média (“*estuda com cuidado a Idade Média, ela merece-o*”³⁹). Por fim, mobiliza conhecimentos científicos e técnicos, como a estenografia do Concílio “*o engenhoso sistema da estenografia*”⁴⁰, ou a coleta de minerais na Suíça⁴¹. Esses múltiplos recursos revelam um autor alimentado tanto pela Revelação, pela cultura humanista e pelas ciências, um espírito onde se encontram fé, inteligência e curiosidade pelo mundo.

II. 2. A partir do conjunto dos seus escritos epistolares

II. 2. 1. As grandes opções espirituais de Léon Dehon através da sua Correspondência

Ao longo de quase sessenta anos de cartas, Dehon revela uma arquitetura espiritual coerente, estruturada em torno de alguns eixos principais que se repetem em toda a sua correspondência, independentemente dos destinatários.

³³ *Ibid.*

³⁴ Inv. 218.58, Carta de Padre Dehon aos Pais, Roma, 19.01.1868.

³⁵ Inv. 218.59, Carta de Padre Dehon aos Superiores, Roma, 31.01.1868.

³⁶ Inv. 218.37, Carta de Padre Dehon aos Pais, Roma, 03.02.1867.

³⁷ Inv. 217.07, Carta de Padre Dehon aos Padres, Atenas, 12.10.1864.

³⁸ Inv. 217.12, Carta de Padre Dehon aos Parentes, Alexandria, 9.12.1864.

³⁹ Inv. 219.07, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, Le Tréport, 26.08.1869.

⁴⁰ Inv. 219.02, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, Roma, 21.03.1869.

⁴¹ Inv. 217.02, Carta de Padre Dehon aos Pais, Bellinzona, 29.08.1864.

A espiritualidade da cruz: sofrimento oferecido, purificação, reparação

Na correspondência de Padre Dehon, o autor implícito revela uma espiritualidade da vítima que constitui um dos eixos mais constantes e profundos do seu mundo interior: ser “vítima” significa para ele entrar na dinâmica da imolação, do sacrifício e da reparação, uma participação direta na oferta de Cristo. Aos seus confrades, escreve sem rodeios: *“Sejam sempre vítimas do Coração de Jesus. Coloquem na cruz o espírito e o corpo e não se deixem seduzir por nada do mundo”*⁴², mostrando que a vida religiosa não é, em primeiro lugar, um conjunto de obras, mas um ato de oferta total. Esta lógica de sacrifício não é abstrata: ela enraíza-se numa visão de Cristo como Cordeiro imolado, ao qual o religioso deve conformar-se. Assim, ele afirma: *“Os seus amigos particulares são as vítimas... Cordeiro de Deus, Ele ama os cordeiros que se deixam imolar como Ele”*⁴³. A fecundidade apostólica decorre diretamente desta imolação: *“Sejam generosos. A obra avançará tanto mais quanto estivermos mais unidos na imolação”*⁴⁴. Nesta perspectiva, a cruz nunca é um acidente, mas um lugar de fecundidade espiritual. Dehon vê nas provações uma preparação e uma oferta aceita por Deus, como quando afirma a respeito do P. Rasset: *“Nosso Senhor preparou-o através de grandes sofrimentos: a perseguição, dificuldades familiares, a doença. É uma verdadeira vítima. Ele suportou a operação e as suas sequelas com coragem heroica, e ofereceu a sua vida pela obra. Nosso Senhor aceitou-a. Ele nos ajudará”*⁴⁵. Da mesma forma, face às crises da Igreja, ele sublinha que *“as obras de reparação e de imolação são necessárias”*⁴⁶, mostrando que o sofrimento assumido se torna um ato de fecundidade apostólica. Assim, o autor implícito surge como um homem convencido de que a vida cristã – e ainda mais a vida religiosa – encontra a sua fecundidade na união com Cristo-Vítima: oferecer-se, imolar-se, reparar, aceitar a cruz como lugar de transformação interior e de salvação para os outros.

A confiança absoluta na Providência

Na sua correspondência, o autor implícito revela uma confiança radical na Providência, que se torna para ele a chave de leitura definitiva da história, das crises, das

⁴² Inv. 330.01, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, [sem local], 16.06.1880.

⁴³ Inv. 465.01, Carta de Padre Dehon a Alphonse Rasset, Notre-Dame de Liesse, 18.09.1880.

⁴⁴ Inv. 465.03, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, Bollwiller, Notre-Dame de Liesse, 28.11.1880.

⁴⁵ Inv. 1110.05, Léon Dehon, a Marie-Joseph de l'Intérieur de Jésus, Rue Antoine Lécuyer, [Pouco depois de 4 de novembro de 1905].

⁴⁶ Inv. 1110.12, Léon Dehon, a Marie-Joseph de l'Intérieur de Jésus, São Quintino, 25.01.1907.

decisões e até das provações mais dolorosas. Esta confiança não é nem ingênua nem passiva: é uma forma de ver Deus agir em tudo o que acontece, até mesmo naquilo que parece contradizer os seus desígnios. A um confrade inquieto, escreve com firmeza e doçura: *“Não se deixe desanimar. As pequenas provações que lhe surgem são permitidas por Nosso Senhor para o aperfeiçoar. O tempo das grandes graças aproxima-se. [...] Não se deixe perturbar nem desanimar por nada”*⁴⁷. A Providência não é aqui um conceito abstrato: é uma pedagogia divina, uma forma de Deus formar os seus servos. Essa mesma certeza surge numa carta aos seus pais, onde expressa a ternura de Deus: *“Deus ama-nos, estende-nos os braços. Perdoou a São Paulo, a Maria Madalena, aos maiores pecadores... Quando estamos em estado de graça, Nosso Senhor apresenta todas as nossas obras ao seu Pai celestial”*⁴⁸. A Providência é, portanto, para ele, um movimento de amor que envolve a vida humana.

Esta leitura providencialista estende-se também às decisões eclesiais, mesmo quando estas contradizem os seus desejos. Ao P. Hautcœur, afirma: *“É preciso ver nisso a vontade de Deus manifestada pelos meus superiores”*⁴⁹. Perante a dissolução do seu primeiro instituto [Oblatos], escreve com uma docilidade comovente: *“Nosso Senhor pede-me agora que destrua aquilo que Ele me pediu para edificar. Não posso senão dizer o meu Fiat”*⁵⁰. A Providência não é, portanto, apenas consoladora: é exigente, desconcertante, mas sempre digna de confiança.

Nas dificuldades materiais, essa confiança torna-se quase concreta, quotidiana. A Falleur, o ecônomo da congregação, recomenda: *“Diga antes de mais aos nossos padres que continuem a rezar bem. A viagem será fecunda para a obra”*⁵¹. E ainda: *“São José providenciará tudo depois de nos ter deixado um pouco humilhados”*⁵². A Providência é aqui uma presença ativa, atenta às necessidades materiais, mas que passa pela humildade e pela provação.

Por fim, até as catástrofes tornam-se para ele sinais de Deus. Após o furacão que destruiu a fachada da sua obra, escreve: *“Apesar disso, e talvez por causa disso, o bom Deus*

⁴⁷ Inv. 471.06, Carta de Padre Dehon a Athanase Blandi, São Quintino, 3 de abril de 1904

⁴⁸ Inv. 218.58, Carta de Padre Dehon aos Pais, Roma, 19.01.1868.

⁴⁹ Inv. 431.11, Carta de Padre Dehon a Édouard Hautcœur, São Quintino, 16.09.1874.

⁵⁰ Inv. 1184.05, Carta de Padre Dehon a Mons. Odon Thibaudier, São Quintino, 20.12.1883.

⁵¹ Inv. 465.07, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, Prado de Lyon, 17 de agosto de 1881.

⁵² Inv. 326.07, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, 08.08.1882.

quis enviar-nos uma provação. Não perdemos de forma alguma a confiança”⁵³. A Providência é educadora, por vezes desconcertante, mas nunca ausente.

A centralidade do Sagrado Coração: amor, reparação, oblação

Na sua correspondência, o autor implícito revela uma espiritualidade inteiramente centrada no Sagrado Coração, vivido como fonte de amor, reparação e oblação, e do qual faz o coração pulsante da vida cristã e religiosa. Nas suas cartas aos confrades, esta presença do Coração de Jesus é concreta, quotidiana, quase respirada:

Cor Jesu, quid me vis facere? É o nosso lema. Várias vezes ao dia, consultem o Sagrado Coração num momento de recolhimento e a consciência iluminada pela graça responder-vos-á. [...] Jesus disse a São Pedro para perdoar 77 vezes 7 vezes, o que significa sempre. Humilhem-se, percorram por vezes a Via Sacra. [...] Como Jesus é belo! Como é bom, como é amável! O que poderíamos recusar-Lhe?⁵⁴

Nos anos de crise, esta espiritualidade assume um tom mais doloroso, mas sempre confiante: *“Nosso Senhor espera a sua consolação das suas almas vítimas e reparadoras”*⁵⁵, mostrando que a reparação é para ele uma participação íntima no sofrimento de amor de Cristo. Mesmo nas cartas administrativas, a teologia do Sagrado Coração transparece: na súplica a Leão XIII, ele afirma que *“Nosso Senhor, ao manifestar o seu Coração, pediu amor e reparação... é sobretudo das almas consagradas que Ele espera esta afetuosa compaixão”*⁵⁶. Esta reparação não é um tema secundário: é o eixo fundador do seu instituto e da sua visão da Igreja. Ele escreve assim: *“É a devoção prática ao Sagrado Coração que é o nosso objetivo. O meio principal é a reparação pela adoração e pelas obras”*⁵⁷; e ainda: *“Consolar o Coração de Cristo é a obra primeira e fundamental”*⁵⁸. Esta reparação traduz-se em práticas concretas: *“Celebram de vez em quando uma missa reparadora?”*⁵⁹. Assim, a opção espiritual que se destaca é límpida: a vida cristã é uma resposta de amor ao Coração ferido de Cristo, um movimento de oblação e de consolação que vale mais do que qualquer obra exterior e que dá sentido à toda a sua ação apostólica e fundadora.

⁵³ Inv. 1159.43, Carta de Padre Dehon ao “Boletim da União das Obras Operárias Católicas”, março de 1876.

⁵⁴ Inv. 315.11, Carta de Padre Dehon a Rogatien Bodin, São Quintino, 11.08.1909.

⁵⁵ Inv. 1110.02, Carta de Padre Dehon a Marie Joseph de l’Intérieur de Jésus, São Quintino, 28.01.1905.

⁵⁶ Inv. 655.00, Léon Dehon e os oblatos do Coração de Jesus a Leão XIII, 02.1882.

⁵⁷ Inv. 1102.02, Carta de Padre Dehon a François Guillhen, 21.10.1881.

⁵⁸ Inv. 1169.42, Carta de Padre Dehon a Charles Désaire, 05.01.1880.

⁵⁹ Inv. 1169.58, Carta de Padre Dehon a Charles Désaire, 24.08.1883.

A obediência como caminho de santidade e de missão

Na sua correspondência, o autor implícito revela uma concepção profundamente espiritual da obediência, não como uma imposição externa, mas como uma conformidade com o Cristo obediente, um espaço onde a vontade de Deus se manifesta e onde a missão se concretiza. Nas suas cartas às autoridades de Soissons, essa obediência assume a forma de uma filiação humilde e respeitosa: assina regularmente: *“O vosso muito humilde e dedicado filho”*⁶⁰, expressando uma disponibilidade interior que permanece mesmo no sofrimento ou na incompreensão. Ao P. Hautcœur, ele explica esta teologia da obediência como um discernimento: *“É preciso ver nisso a vontade de Deus manifestada pelos meus superiores”*⁶¹, mostrando que a autoridade humana é para ele um mediador da Providência. Esta atitude não se limita às relações hierárquicas: aos confrades, associa a obediência à fecundidade apostólica, escrevendo, por exemplo: *“Aproveitem a ocasião para iniciar em cada casa um caderno de balanços... Digam que eu o exijo e que a Santa Sé nisso insiste. [...] Deus abençoará a vossa obediência”*⁶². Mesmo na sua vida familiar, a obediência é vivida como um ato de amor: *“Continuo os meus estudos com dedicação, como me pedis, mas o meu coração, confesso, está voltado para outro lado”*⁶³, frase em que transparece uma tensão dolorosa, mas assumida, entre o dever filial e o apelo interior. Assim, a obediência surge em Dehon como um caminho de santidade, um lugar de verdade, um espaço de missão: não extingue a liberdade, orienta-a para Deus; não esmaga a pessoa, configura-a a Cristo, que “se fez obediente até à morte”.

A caridade fraterna: mansidão, paciência, perdão

Nas suas cartas aos confrades, o autor implícito revela uma visão profundamente evangélica da caridade fraterna, feita de mansidão, paciência, perdão e unidade interior. A vida comunitária é para ele um exercício concreto de amor mútuo, onde cada um sustenta o outro à luz do Sagrado Coração. Assim, exorta os seus missionários: *“Sejam piedosos, modestos, mansos... as bênçãos virão”*⁶⁴, e pede-lhes que vivam uma verdadeira comunhão de corações: *“Partilhem as vossas dores, as vossas alegrias, as vossas dificuldades... Cor unum et anima una”*⁶⁵. O perdão está no centro desta fraternidade: *“Jesus disse a São Pedro para perdoar 77*

⁶⁰ Formulação recorrente entre 1873 e 1890.

⁶¹ Inv. 431.11, Carta de Padre Dehon a Édouard Hautcœur, São Quintino, 16.09.1874.

⁶² Inv. 294.40, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, São Quintino, 14.03.1905.

⁶³ Inv. 218.19, carta de Padre Dehon a Jules-Alexandre, Roma, 06.05.1866.

⁶⁴ Inv. 292.26, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, Roma, 09.03.1894.

⁶⁵ Inv. 311.05, Carta de Padre Dehon a Ludwinus Richters, 11.02.1903.

vezes 7 vezes... isso significa sempre”⁶⁶. Mesmo quando corrige, Dehon o faz apelando à mansidão: “Guardai bem a paz e a doce alegria de um cordeiro. O nosso rei Jesus é essencialmente pacífico, *rex pacis*, *agnus Dei*”⁶⁷. Ele insiste ainda: “Façam tudo isto com mansidão e em paz, confiando no Sagrado Coração”⁶⁸, e adverte contra julgamentos precipitados: “Não se preocupem com os outros. Interpretem tudo para o bem”⁶⁹. Assim, a opção espiritual que se destaca é límpida: a mansidão é uma imitação de Cristo-Cordeiro, e a caridade fraterna – feita de paciência, perdão e benevolência – é o lugar onde se verifica a verdade da vida religiosa.

II. 2. 2. Algumas “figuras” de Dehon que as cartas revelam

O autor implícito: um homem de afeto e sensibilidade

Nas suas cartas de juventude (1864–1871), o autor implícito que se deixa adivinhar não é apenas um viajante entusiasta ou um estudante aplicado, é um homem de profunda sensibilidade, ao mesmo tempo afetiva, estética e espiritual, cuja escrita mistura ternura familiar, admiração pelo mundo e um gosto pronunciado pela arte e pela história. A sua relação com os seus é marcada por um afeto caloroso: “Abençoo-vos de todo o coração, a ti, Henri, Laure e mamãe Dehon”⁷⁰; “A falta de notícias... entristece-me singularmente”⁷¹, escreve ele, preocupado com a saúde materna: “Espero que a mamãe... já nem sequer se lembre da sua indisposição”⁷². Esta sensibilidade relacional estende-se à amizade: “Palustre esperava-me na estação: está encantado por me ter”⁷³; “Ele manda-lhe saudações”⁷⁴. Mas estende-se também à natureza e às paisagens, que descreve com a delicadeza de um esteta: “As encostas cobertas de vinhas da pitoresca cidade de Bar-le-Duc”⁷⁵, “As florestas de oliveiras, as sebes de cactos e de aloés...”⁷⁶. O seu olhar é também geográfico: “Visitámos Friburgo... depois os lagos de

⁶⁶ Inv. 972.84, Carta de Padre Dehon a Gerlach Kusters, Luxemburgo, 12.03.1909.

⁶⁷ Inv. 465.04, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, *Bollwiller*, 01.12.1880.

⁶⁸ Inv. 326.10, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, Saint André, 30 de novembro de 1882.

⁶⁹ Inv. 465.05, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, 24 de abril de 1881.

⁷⁰ Inv. 217.01, Carta de Padre Dehon aos Pais, Estrasburgo, 23.08.1864; Inv. 217.01, Carta de Padre Dehon aos Pais, Bellinzona, 29.08.1864; Inv. 217.07, Carta de Padre Dehon aos Padres, Atenas, 12.10.1864.

⁷¹ Inv. 217.13, Carta de Padre Dehon aos Superiores, Alexandria, 15.12.1864.

⁷² Inv. 217.07, Carta de Padre Dehon aos Parentes, Atenas, 12.10.1864.

⁷³ Inv. 217.01, Carta de Padre Dehon aos Padres, Estrasburgo, 23.08.1864.

⁷⁴ Inv. 217.12, Carta de Padre Dehon aos Parentes, Alexandria, 09.12.1864.

⁷⁵ Inv. 217.01, Carta de Padre Dehon aos Parentes, Estrasburgo, 23.08.1864.

⁷⁶ Inv. 217.07, Atenas, Carta de Padre Dehon aos Parentes, 12.10.1864.

Zurique e dos Quatro Cantões”⁷⁷, e etnográfico: “*Muçulmanos a caminho de Meca, gregos... judeus, circassianos*”⁷⁸. Perante Atenas, o seu deslumbramento torna-se lírico: “*A harmonia e a beleza das formas encantam a imaginação*”. Com Léon Palustre, historiador de arte, adota um tom mais erudito: “*A cada dia que passa, apego-me mais a Roma e, sobretudo, às suas belezas sobrenaturais*”⁷⁹, convidando-o a ir além da crítica fria: “*Abrirás um pouco a tua alma à poesia...*”. O seu olhar torna-se simbólico: “*As colunas dos seus templos são os santos... as rosas do martírio destacam-se pelo seu perfume*”. Até mesmo um castelo abandonado suscita uma nota estética: “*O seu estado de nudez e abandono é um pouco triste...*”⁸⁰. Por fim, a sua sensibilidade enraíza-se na fé: “*Não teria nada a dizer-vos se não vos falasse um pouco de Deus, pois é para Ele que se voltam todos os meus pensamentos*”. Assim, o autor implícito surge como um homem de afeto e de cultura, cuja ternura, admiração e profundidade espiritual se entrelaçam para formar uma personalidade unificada, vibrante e contemplativa.

O fundador: dependência hierárquica e necessidade de apoio

Na carta de 16 de setembro de 1874 dirigida ao P. Édouard Hautcœur, percebe-se o discernimento vocacional e pastoral de Léon Dehon perante uma proposta de prestígio: tornar-se professor na nova universidade católica de Lille. A carta mostra como Dehon avalia uma oportunidade pessoal importante, consulta a autoridade diocesana, discute os desafios para a diocese e para a universidade e, por fim, entrega-se à vontade de Deus, tal como mediada pelos seus superiores: “*Achei por bem dirigir-me a Soissons para conhecer a opinião do meu bispo... Pedi aos vigários gerais e aos membros do conselho que ponderassem os prós e os contras. É preciso ver nisso a vontade de Deus manifestada pelos meus superiores*”⁸¹.

Nos primeiros anos, Dehon surge como um jovem sacerdote escrupuloso, muito dependente do julgamento do bispo. Ele interpreta as decisões episcopais como expressão direta da Providência: “*É preciso ver nisso a vontade de Deus manifestada pelos meus superiores*”⁸². Esta obediência não exclui uma certa mágoa quando se sente mantido à distância: “*Ficou um pouco surpreendido por toda esta negociação ter sido conduzida sem o seu envolvimento*”⁸³.

⁷⁷ Inv. 217.02, Carta de Padre Dehon aos Parentes, Bellinzona, 29.08.1864.

⁷⁸ Inv. 217.12, Carta de Padre Dehon aos Superiores, Alexandria, 09.12.1864.

⁷⁹ Inv. 219.02, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, Roma, 21.03.1869.

⁸⁰ Inv. 219.07, Carta de Padre Dehon a Léon Palustre, Le Tréport, 26 de agosto de 1869.

⁸¹ Inv. 431.11, Carta de Padre Dehon a Édouard Hautcœur, São Quintino, 16.09.1874

⁸² *Ibid.*

⁸³ *Ibid.*

Décadas mais tarde, ele ainda recorda os sacrifícios feitos pela diocese, sinal de que a necessidade de reconhecimento permanece: *“Esperava mais misericórdia da diocese de Soissons. Fiz tantos sacrifícios por ela ao longo de 28 anos!”*⁸⁴ Esta figura conjuga assim dependência hierárquica, busca de legitimidade e sensibilidade às incompreensões.

O gestor prudente e transparente: rigor financeiro e lucidez administrativa

Na sua correspondência, o autor revela-se um homem dotado de um sentido agudo da realidade, de uma prudência administrativa constante e de uma transparência escrupulosa na gestão das obras. Longe de ser apenas um místico ou um homem de oração, surge como um líder capaz de governar com método, precisão e responsabilidade. As suas cartas aos bispos de Soissons mostram um homem atento às consequências concretas das decisões: *“As nossas obras também, e particularmente o Colégio São João, estão envolvidas nesta crise. O descrédito que resultaria de certas ações as levaria à ruína”*⁸⁵. Ele não esconde nada da fragilidade econômica: *“[O Colégio] São João não vive dos seus recursos. Há todos os anos um déficit significativo desde sua fundação”*⁸⁶. E quando tranquiliza Mons. Deramecourt, faz isso com precisão contabilística: *“A casa de Fourdrain não tem um centavo de dívidas... São João tem agora apenas 70 000 fr. de hipotecas, o que é pouco quando se sabe que havia 300 000”*⁸⁷. Mesmo nas suas desculpas, distingue claramente os planos pessoal e institucional: *“Os meus desentendimentos com este notário dizem respeito a assuntos de família e não interessam à congregação”*⁸⁸.

Esta prudência é acompanhada por uma rigorosa transparência. Embora proveniente da burguesia, Dehon vive com moderação e exige uma gestão irrepreensível. Recebe donativos, mas transmite-os imediatamente ao seu procurador, indicando a proveniência e as intenções dos benfeitores; solicita relatórios regulares e devolve ele próprio as somas não utilizadas. Quando constata práticas financeiras contrárias às regras eclesásticas, intervém com firmeza: *“Não se esqueça de que todos os seus empréstimos sobre títulos são contrários aos votos e às regras eclesásticas... É, portanto, necessário pôr-lhes fim o mais rapidamente possível, vendendo tudo o que for vendável, sem recomprar outros títulos”*⁸⁹. A um confrade demasiado gastador,

⁸⁴ Inv. 515.37, Carta de Padre Dehon a Augustin-Victor Deramecourt, Roma, 20.03.1899.

⁸⁵ Inv. 1184.05, Carta de Padre Dehon a Mons. Odon Thibaudier, 20.12.1883.

⁸⁶ Inv. 1184.06, Carta de Padre Dehon a Mons. Odon Thibaudier, São Quintino, 26.02.1884,

⁸⁷ Inv. 515.37, Carta de Padre Dehon a Augustin-Victor Deramecourt, Roma, 20.03.1899.

⁸⁸ Inv. 276.07, Carta de Padre Dehon a Augustin-Victor Deramecourt, 1905.

⁸⁹ Inv. 121.09, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, 1909.

escreve com uma lucidez preocupada: *“As despesas excederam em muito as vossas previsões. Não estais a ser demasiado generoso e confiante? As vossas contas têm toda a regularidade necessária?... Fazei apenas as despesas mais urgentes. Adiai as melhorias que não são urgentes”*⁹⁰.

Dehon encoraja igualmente a autossuficiência das comunidades: fabricação e venda de sabão, atividades locais, gestão autônoma das despesas. Não é brando com a preguiça: repreende o P. Dalloue pela sua falta de empenho e impõe-lhe a obediência para o cumprimento dos seus deveres⁹¹. Esta exigência nunca é dureza: é o sinal de um homem que quer que as suas comunidades vivam na verdade, na responsabilidade e na fidelidade à Igreja. Assim, o autor implícito que se delineia é o de um fundador prudente nas suas decisões, transparente nas suas finanças, exigente, mas justo no seu governo, um homem para quem a retidão administrativa é inseparável da fidelidade espiritual e da missão.

Padre Dehon, um guia e conselheiro dos seus filhos

Na sua correspondência, Padre Dehon surge como um verdadeiro pai e guia espiritual, atencioso, exigente e profundamente afetuoso para com os seus confrades, a quem chama quase sempre *“Querido filho...”*, sinal de uma paternidade assumida e vivida. Os seus conselhos são constantes, concretos, alimentados pelo Evangelho e pela doçura, e as palavras que lhes dirige são sempre afáveis: *“Sede sempre piedosos, modestos, mansos e as bênçãos virão”*⁹². Aos missionários, recomenda a leitura dos santos, a confiança na Providência e a unidade fraterna: *“Vós sois aí um dos mais antigos, ajudai bem à união... Partilhai as vossas dores, as vossas alegrias, as vossas dificuldades... Cor unum et anima una. Ipsi a Deo didicistis ut diligatis invicem”*⁹³. A um missionário na Finlândia, escreve: *“Não se deixe desanimar. As obras fundam-se na cruz. O diabo luta contra nós, mas não há perigo para a Obra, o Sagrado Coração salvar-nos-á sempre”*⁹⁴. Ao P. Bodin, abre-lhe o seu coração:

Se precisar de alguma orientação, abra-me o seu coração. Não sou eu o seu pai? Mas Nosso Senhor quer fazer muito por si mesmo. Diga frequentemente: *Cor Jesu, quid me vis facere*. É o nosso lema. Várias vezes ao dia, consulte também o Sagrado Coração num momento de recolhimento e a consciência iluminada pela graça lhe responderá. Sentirão em que disposição devem colocar-se... Jesus disse a São Pedro para perdoar

⁹⁰ Inv. 974.31, Carta de Padre Dehon a Gerlach Kusters, 1911.

⁹¹ Cf. Inv. 291.17, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, Roma, 23.04.1898.

⁹² Inv. 292.26, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, Roma, 09.03.1894.

⁹³ Inv. 311.05, Carta de Padre Dehon a Ludwinus Richters, 11 de fevereiro de 1903.

⁹⁴ Inv. 972.84, Carta ao Padre Gerlach Kusters, Luxemburgo, 12.03.1909.

77 vezes 7 vezes, o que significa sempre. Humilhem-se, façam por vezes a Via Sacra. Se não tiverem uma capela à vossa disposição, tenham um crucifixo abençoado para a Via Sacra⁹⁵.

A sua paternidade manifesta-se também na sua atenção concreta: visita as comunidades na França, na Bélgica, na Holanda e na Itália, ouve cada um, recomenda que se ajude os doentes, que se seja gentil nas correções, caridoso nas reivindicações e atencioso para com os mais idosos. Envia votos aos confrades e pede desculpa quando não pode estar presente: *‘Teria ido de bom grado celebrar convosco amanhã, mas creio que seria ofensivo para o Mons. [Grisson] se o deixasse sozinho o dia inteiro amanhã. Só me resta este dia para passar com ele e talvez seja o último. Daqui a quatro anos, talvez ele ou eu já estejamos mortos. Mais uma vez, feliz festa. Rezemos uns pelos outros’*⁹⁶. Mesmo para com aqueles que lhe causaram dificuldades, como o P. Blancal, mantém-se benevolente. A um confrade em crise, escreve: *“A sua vocação não está perdida... Jesus ama-o... Confiança sempre!”*⁹⁷. E quando tem de corrigir, faz isso com firmeza, mas sem dureza, recordando ao P. Falleur a necessidade da cortesia, da caridade e do respeito pelos jovens. Por fim, tudo o reduz à oblação: *“Quando sofrermos, digamos: É por Jesus, pelo Sagrado Coração, pela obra... Ubi labor amatur, non laboratur... União constante a Jesus, união ao Sagrado Coração, suavemente, humildemente, no espírito da fé”*⁹⁸. Assim se desenha um pai espiritual de rara humanidade, firme e terno, exigente e misericordioso, profundamente dedicado aos seus filhos.

Padre Dehon, um homem organizado

Na sua correspondência, Padre Dehon surge como um homem notavelmente organizado, capaz de conceber, delegar e supervisionar com uma precisão quase instintiva. Sabe escolher colaboradores competentes, em primeiro lugar o P. Stanislas Falleur, que entrou no Instituto em 1882 e rapidamente se destacou pelos seus talentos de administrador: ecônomo do Colégio São João, depois procurador-geral, secretário particular e verdadeiro chanceler encarregado das cartas, das contas, das pensões dos escolásticos (São Sulpício, Issy, Roma, Luxemburgo, Sittard), das relações com os editores e das publicações⁹⁹. Dehon elogia também

⁹⁵ Inv. 315.08, Carta a Rogatien Bodin, Sittard, 24.06.1909.

⁹⁶ Inv. 972.16, Carta de Padre Dehon a Gerlach Kusters, 4 de janeiro de 1909.

⁹⁷ Inv. 315.09, Carta de Padre Dehon a Rogatien Bodin, 06.07.1909. Este confrade acabou por deixar a congregação em 1919.

⁹⁸ Inv. 228.03, Carta de Padre Dehon a Théodore Heiserholt, São Quintino, 20.08.1909. Ver também Carta a Falleur de 23 de outubro de 1898; Carta a Grison de 22 de junho de 1885.

⁹⁹ Cf. Inv. 584.47, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, 31.07.1896.

outros colaboradores, como em Roma: *“O P. Barthélemy [Dessons] é bem o homem certo, é meticoloso e ativo”*¹⁰⁰. O seu sentido de ordem é tal que, em viagem, por vezes durante meses, indica a Falleur a localização exata dos documentos no seu quarto, prova de uma memória espacial rigorosa¹⁰¹. As suas viagens, longe de serem aventuras improvisadas, são meticolosamente programadas e alimentam tanto a sua visão missionária como a sua vida espiritual. Exige o mesmo rigor aos seus filhos: *“Aproveitem a ocasião para fazer com que cada casa comece um caderno de balanços, como sempre mantivemos em São João. Dêem um modelo. Digam que eu o exijo e que a Santa Sé nisso insiste. Ponham as vossas contas em ordem com todas as casas. Deus abençoará a vossa obediência”*¹⁰². Para ele, a ordem é uma virtude espiritual, um prolongamento do voto de obediência. Ele encoraja a concentração e o autocontrole: *“Que os vossos jovens se ocupem cada um do seu trabalho... se quiserem ter paz de alma”*¹⁰³. A outro, escreve: *“Trabalhem com humildade... Observem a regra tanto quanto possível: orações, atos diários... e um relatório anual das vossas receitas e despesas”*¹⁰⁴. Apesar desta disciplina, ele próprio leva uma atividade impressionante: *“Nove discursos... 77 para proferir, 19 escritos, 67 para escrever. São necessárias graças da sua função. Tenhamos esperança”*¹⁰⁵. Assim se delineia um fundador metódico, estruturado, exigente, para quem a organização não é um pormenor administrativo, mas uma forma de servir a Deus com inteligência, fidelidade e eficácia.

As luzes e trevas de um autor atormentado: entre misticismo, patriotismo e militância

O autor surge também como uma figura profundamente provada, atravessada pelas tensões espirituais, políticas e sociais da sua época. A confiscação da casa de São Quintino em 1905 revela, em primeiro lugar, um homem ferido, mas habitado por uma fé inabalável: aceita a provação como uma participação na Paixão de Cristo, afirmando que *“a cruz é sempre boa... Jesus não tem nada melhor para nos dar”*¹⁰⁶. Até a morte dos seus missionários, como a do P. Ambrosius Hoffmann, torna-se para ele *“uma vítima”*¹⁰⁷ de que Deus *“levará em conta”*, sinal de uma espiritualidade marcada pela reparação e pela oferta.

¹⁰⁰ Inv. 584.47, Carta a Marie-Joseph de l'Intérieur de Jésus, São Quintino, 21.08.1909.

¹⁰¹ Cf. Inv. 314.07, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, Roma, 10.11.1900.

¹⁰² Inv. 294.40, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, São Quintino, 14.03.1905.

¹⁰³ Inv. 215.17, Carta de Padre Dehon a Thaddeus Böcker, São Quintino, março de 1906.

¹⁰⁴ Inv. 471.14, Carta a Athanase Blandin, Roma, 29.01.1906.

¹⁰⁵ Inv. 294.58, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, Lovaina, 19.01.1909.

¹⁰⁶ Inv. 1110.02, Carta de Padre Dehon a Marie Joseph de l'Intérieur de Jésus, São Quintino, 28.01.1905.

¹⁰⁷ Inv. 475.12, Carta de Padre Dehon a Stanislas Falleur, São Quintino, 9 de abril de 1905.

Mas esse mesmo ano revela um Dehon dividido entre o seu amor pela França e a sua fidelidade à Igreja. Ele quer “*dar aos meus concidadãos o exemplo do dever cívico*”¹⁰⁸, ao mesmo tempo que denuncia a confiscação como um “*roubo sacrílego*”¹⁰⁹ que acarreta “*a excomunhão*”. O texto compara-o a São Paulo em Romanos 9-11: um homem que ama apaixonadamente o seu povo, mas sofre ao vê-lo trair a sua herança espiritual. Dehon parece mesmo considerar que a França “*vendeu a sua alma ao diabo*”, revelando a intensidade da sua ferida patriótica.

A esta fidelidade ferida junta-se uma luta ideológica frontal, marcada pelos preconceitos da sua época. Numa carta de 1898, designa como “inimigos” da nação “*os judeus, os protestantes e os maçons*”¹¹⁰, e apela a “*desvendar os desígnios secretos das lojas*”. Para ele, a maçonaria age há um século contra a Igreja, e os católicos devem aliar “*a prudência da serpente à simplicidade da pomba*”¹¹¹. No entanto, o texto revela também as suas contradições: apesar das suas acusações, propõe mais tarde vender um relógio a judeus para saldar uma dívida, sinal de um pragmatismo que matiza o seu discurso ideológico.

Por fim, o seu patriotismo revela-se profundamente enraizado no local. Ele procura reforçar a influência católica até na sua aldeia natal, solicitando uma medalha de São Gregório para o seu irmão Henrique, presidente da Câmara de La Capelle, a fim de consolidar o seu prestígio e “*bloquear o caminho aos maçons*”. Este gesto revela um Dehon estrategista, preocupado em defender a Igreja não só nas grandes batalhas nacionais, mas também nos equilíbrios políticos mais concretos.

Assim se delineia um Dehon complexo, apaixonado, por vezes contraditório, ao mesmo tempo místico da cruz, patriota ferido, militante ideológico e ator enraizado na vida local. Uma figura atravessada pelas tempestades do seu tempo, mas sempre animada pela convicção de servir a Deus e a França.

Um autor multifacetado, unificado por uma profunda coerência interior

Ao longo de toda a sua correspondência, a figura de Léon Dehon revela-se em toda a sua riqueza humana, espiritual e pastoral. As suas cartas, tanto na forma como no conteúdo, revelam um homem profundamente unificado interiormente, mesmo quando atravessa

¹⁰⁸ Inv. 670.17, Carta de Padre Dehon a Louis Armand Vitry, São Quintino, 18.01.1905.

¹⁰⁹ *Ibid.*

¹¹⁰ Cf. Inv. 1168.37, Carta a Jules Lemire, Roma, 7 de março de 1898.

¹¹¹ Inv. 1171.26, Carta a um clérigo húngaro, Lovaina, 31 de janeiro de 1909.

situações contrastantes ou difíceis. No plano formal, a sua escrita manifesta um domínio surpreendente: clareza, suavidade, precisão e autoridade conjugam-se para criar um estilo epistolar vivo, adaptado a cada interlocutor. Esta capacidade de escrever com justiça e verdade faz das suas cartas um lugar privilegiado onde a sua alma se revela.

No fundo, a sua correspondência deixa transparecer os grandes eixos da sua vida espiritual: a centralidade da cruz, vivida como participação na imolação de Cristo; a confiança absoluta na Providência, que transforma cada provação num caminho de crescimento; a devoção ao Sagrado Coração, fonte de amor, de reparação e de oblação; por fim, a caridade fraterna, feita de doçura, paciência e unidade. Estes temas, constantes ao longo de várias décadas, revelam um homem cuja vida interior é profundamente coerente e orientada para Deus.

Mas as cartas revelam também um Dehon inscrito na história, com as suas forças e fragilidades: um jovem sacerdote dependente dos seus superiores, um fundador prudente e rigoroso na gestão, um pai espiritual atento aos seus filhos, um organizador metódico, mas também um homem por vezes atormentado, ferido pelas perseguições anticlericais e empenhado nas lutas ideológicas do seu tempo. As suas posições, nomeadamente contra a maçonaria, testemunham um contexto marcado pelas tensões entre a Igreja e a sociedade.

Assim, a correspondência de Dehon revela um homem profundamente espiritual, mas também concreto, sensível, exigente e empenhado. Constitui um espelho fiel da sua personalidade: um coração entregue, uma inteligência perspicaz, uma vontade orientada para o serviço a Deus, à Igreja e aos seus irmãos.

III. A atualidade das cartas de Padre Dehon

III. 1. Inadequações em relação ao tempo e ao lugar

Hoje em dia, há uma evolução tanto na comunicação como nos acontecimentos. Certas expressões contidas nas cartas podem chocar a mentalidade dos nossos contemporâneos. Trata-se sobretudo das fórmulas nas cartas às autoridades, bem como de uma humildade quase mórbida com que o Padre Dehon se reveste quando lhes escreve. Expressões como “*o vosso muito humilde e dedicado filho*”, “*respeitosa e filial dedicação*”, “*Vossa Grandeza*” [Vossa Excelência Reverendíssima]... são fórmulas de outro tempo. Hoje, as fórmulas de cortesia continuam a ser utilizadas, mas com palavras desprovidas de emoção. No entanto, nas cartas aos seus confrades, Padre Dehon beira por vezes a insolência.

A alguns dos seus confrades, Padre Dehon dirige-se sempre com o termo “Senhor”: “Ao Senhor Falleur, por exemplo, caro Senhor...”. Será uma influência do anticlericalismo do final do século XIX que determinou o uso desta fórmula? Ele também usa a expressão “querido filho”, o que é compreensível, dado que ele era o Superior Geral da ordem. Hoje em dia, é mais adequado que os religiosos se dirijam uns aos outros com a fórmula “querido confrade”. Recebemos regularmente cartas circulares e até mesmo pessoais dos Superiores Gerais. Eles referem-se sempre aos “*queridos confrades*”, e não a “*queridos filhos*” ou a “*Senhor/Senhores*”... Lembramo-nos de que, no Zaire do Presidente Mobutu, dirigíamo-nos uns aos outros simplesmente pelo termo “cidadão” e, mesmo entre os religiosos, o termo “Senhor” estava banido. Mas as fórmulas de cortesia mudam consoante as épocas e as sociedades.

Hoje em dia, as informações circulam cada vez mais rapidamente e os meios audiovisuais alteram a abundância e a forma de escrever ou de comunicar. Hoje, imagina-se que, nas viagens de Padre Dehon, as fotos seriam mais abundantes do que as longas descrições sobre as descobertas e as paisagens. Os textos serviriam apenas a título ilustrativo e deixariam o leitor descobrir várias coisas e interpretá-las por si mesmo. Além disso, com o desenvolvimento das técnicas de comunicação, como a Internet, os destinatários podem eles próprios seguir os locais percorridos pelo autor e com grande rapidez. No entanto, perde-se a beleza da linguagem e as imagens mentais que as cartas de outrora revestiam ou suscitavam. Os nossos contemporâneos perderam o gosto pela poesia por causa do audiovisual.

Por outro lado, Dehon, para um leitor ocidental de hoje, vivia a relação com os seus pais numa concepção familiar tradicional, hoje ultrapassada. No mundo ocidental, a família tornou-se mais nuclear e isso alterou consideravelmente as relações entre filhos e pais. Imaginamos que as tensões e as feridas que a escolha de Padre Dehon de se tornar padre, causou ao seu pai e a ele próprio não teriam a mesma magnitude hoje em dia, pois o respeito pela liberdade dos filhos é mais acentuado nos dias de hoje do que no século XIX europeu. A preocupação do pai era a herança dessas propriedades rurais e dos seus castelos. Na época, esses bens representavam grandes capitais. Com o desenvolvimento das indústrias, as riquezas transformaram-se e, hoje, investe-se não só nas indústrias, mas também no mundo virtual. Além disso, os filhos já não são obrigados a seguir a profissão dos seus pais. Imaginamos que hoje o filho de um industrial opte por dedicar a sua vida a Deus; provavelmente isso poderá causar desilusões, mas não com a mesma magnitude que nos dias de Dehon. Na oposição do pai, havia também o receio da desonra que o abandono da herança dos seus antepassados lançaria sobre a

sua descendência. Isto lembra-nos o poema de Jean de La Fontaine, “O lavrador e os seus filhos”, no qual o pai encontra um estratagema para convencer os filhos a não abandonarem, após a sua morte, o trabalho dos seus antepassados, enganando-os com a ideia de que um tesouro está escondido no campo e que eles têm de o encontrar. Após a morte do pai, durante um ano inteiro, eles vasculharam e cavaram, sem deixar nenhum lugar por onde “a mão não passasse e repassasse”. Embora não tenham encontrado dinheiro, compreenderam a lição que o pai lhes queria transmitir: “O trabalho é um tesouro”.

Encontramos também um Padre Dehon apaixonado pelas devoções que lhe criam problemas e das quais tem dificuldade em se separar. É verdadeiramente um homem do seu tempo, com as suas visitas aos santuários e a sua crença de que isso contribui para o crescimento da sua ordem. A Santa Sé há muito que tinha notado a sua credulidade ou ingenuidade em relação a certas devoções e foi por isso que chegou ao ponto de condicionar o reconhecimento da sua ordem ao afastamento de certas religiosas das comunidades onde colaboravam com os Dehonianos. A Santa Sé suspeitava provavelmente que estas Irmãs o influenciavam com as suas devoções que beiravam a ingenuidade¹¹². Yves Ledure observava num artigo que, embora Dehon tenha obedecido à Santa Sé e tenha insinuado o impulso de abertura da sua congregação para o social, permaneceu confinado a uma espiritualidade de vítima e de reparação, marcada pelo dolorismo da Igreja da época da Revolução Francesa¹¹³.

Por outro lado, o apego à Escola Francesa de Espiritualidade deixa em Dehon um certo chauvinismo que transparece nas cartas. Embora fosse partidário da leitura dos sinais dos tempos, a separação entre a Igreja e o Estado na França pareceu-lhe uma blasfêmia suscetível de acarretar um castigo divino à sua pátria, que o Sagrado Coração tanto amou e preencheu de bênçãos. Padre Dehon pertence a uma época em que ainda se sonhava com a cristandade ou com o tempo em que a sociedade e a Igreja eram uma só. A laicidade na França ainda está nos seus primórdios na sua época. Hoje, com a secularização ou a descristianização, o sentimento de um “o nacionalismo cristão” já não faz sentido. Marcello Neri observava também que a abertura de novas presenças dehonianas noutros continentes e a diminuição progressiva do número de confrades europeus afastam a Congregação, dia após dia, do núcleo central e tornam ambivalente e problemática uma devoção em torno de um imaginário como o do Sagrado

¹¹² “A Santa Sé pediu-nos para afastar as poucas irmãs de várias congregações que nos ajudavam em três das nossas casas de ensino. Está feito. As últimas partirão nos dias 5 e 15 de agosto [1907]. Temos a firme vontade de obedecer rigorosamente”. Carta ao Cardeal Ferrata de 6 de julho de 1907.

¹¹³ Cf. Yves Ledure, “Une congrégation à la recherche de son principe d’identité”, em *Dehoniana* (2007), pp. 45-52.

Coração. Existe, certamente para além das fronteiras da Europa, uma espécie de iconoclasmo espiritual que se debruça contra certos elementos europeus que continuam a circular na prática da fé e das devoções¹¹⁴. Consequentemente, é hoje imperativo contextualizar o carisma fundacional, tendo em conta as diversificações das experiências derivadas da espiritualidade que favorecem o estar-juntos, suscetível de conferir à espiritualidade dehoniana uma forma plural (cf. Seminário de Yogyakarta. Intervenção da CTDAF).

III. 2. Que herança de Dehon nos sugere a leitura das suas cartas?

Depois de termos falado de algumas das muitas limitações de Dehon nas suas cartas, perguntemo-nos como é que o leitor atual pode beneficiar da sua correspondência e, em particular, os seus filhos, os Dehonianos que somos.

O leitor pode colocar-se no lugar dos destinatários de Padre Dehon ou no lugar do próprio Padre Dehon que escreve essas cartas. Limitamo-nos à primeira opção.

O dehoniano pode tomar Dehon como modelo e imitá-lo nas diferentes fases da sua vida. Na correspondência com os seus pais, Padre Dehon sente-se plenamente filho da sua família e, apesar da relutância do seu pai em relação à sua vocação, dá o exemplo da perseverança, mas demonstra também esforço para a conversão deste. Com paciência, mas também com intrepidez, tentará persuadir e negociar com o seu pai a respeito da sua vocação. Esta provação deixará nele, pelo menos em germe certamente, essa capacidade de compreender o outro com paciência, mesmo quando se tem a certeza de que ele está errado, de não defender de forma obstinada e agressiva as suas posições e convicções.

Muitos jovens na África de hoje veem-se contrariados na sua escolha de servir o Senhor pelos seus pais e familiares, que sonham com uma carreira promissora para eles, com a sucessão na família ou com a herança dos bens familiares. O relato extraído da correspondência de Padre Dehon aos seus pais pode servir-lhes de inspiração e encorajamento. Não entrar em guerra contra os seus progenitores, mas trilhar o seu caminho com paciência e perseverança, rezando pela conversão deles. Temos, aliás, alguns casos de confrades que se reconciliaram com os seus pais após tantos anos de oposição à sua vocação. Podem ser chamados os “Dehon” do nosso tempo.

¹¹⁴ Cf. Marcello Neri, *Giustizia nella misericordia, Europa, cristianesimo e spiritualità dehoniana*, EDB, Bolonha, 2016, p. 24.

Fidelidade na continuidade, mas apaixonado pela inovação. É assim que se pode caracterizar a atitude de Padre Dehon no período da fundação da sua obra. Nas cartas às autoridades eclesiais, ele demonstra a sua obediência filial, a sua gratidão para com a Igreja, mas também deseja ser útil à sua Igreja. Ele assinala disfunções, mas pretende corrigi-las com mansidão. Esta atitude mostra-nos como ser filhos da nossa Igreja, da nossa congregação, da nossa entidade ou da nossa comunidade. Permanecer sempre fiéis aos princípios, ao carisma, ao espírito, mas procurar sempre inovar, acrescentar algo mais à herança recebida. No entanto, as inovações não se fazem através de revoltas ou críticas duras, mas sim através do diálogo, da mansidão, da persuasão e do amor. Nós, dehonianos de hoje, devemos seguir os passos do nosso fundador. Ser sempre filhos da nossa Igreja, da nossa congregação, mas valorizando sempre os seus bens, procurando sempre enriquecê-los.

Não nos salta à vista que as viagens regulares de Padre Dehon, que aparecem nas cartas, fazem dele alguém de espírito aberto? Tal como nas suas cartas da Europa do Sul, do Oriente-Médio e da Europa Central e, mais tarde, na sua “viagem à volta do mundo”, ele descobre as realidades, compara-as e vê possibilidades para as missões. Nós também podemos seguir os seus passos. Um provérbio maliano diz que um jovem que percorreu cem aldeias é igual a um ancião que viveu cem anos. Os dehonianos de hoje têm todo o interesse em abrir-se ao mundo. A sua viagem à Turquia e a outros locais do Oriente-Médio dissipou os seus próprios receios sobre os preconceitos de um ocidental em relação a certos locais do Oriente e tranquilizou os seus pais, que provavelmente partilhavam o mesmo receio, quanto à sua alegria por se encontrar nesses ambientes considerados perigosos. A ignorância em relação aos outros, às suas tradições e ao seu quotidiano pode erguer barreiras e até criar ódio e guerras desnecessárias. A abertura, por outro lado, pode pôr fim a isso e nos enriquecer mutuamente. Cristo nos dá o exemplo em seu encontro com a samaritana, em Jo 4, 4-42.

A releitura das obras de Padre Dehon dá-nos a alegria de nos encontrarmos noutros continentes ou noutros países que não os nossos e de dissipar os nossos medos e os dos nossos irmãos de outros lugares sobre os fatos e as realidades desses países e desses continentes. O dehoniano, que viaja como Padre Dehon, é chamado a dissipar os medos e os preconceitos, a convidar os povos a estimarem-se uns aos outros e a relativizar as suas próprias certezas. Nos últimos anos, os nossos capítulos gerais e os seminários teológicos mergulharam-nos em temas como a interculturalidade, o sínodo e a sinodalidade, o coração aberto ao mundo, *Sint Unum...* O nosso fundador ficaria orgulhoso de nos ver abordar estes termos para dar continuidade ao seu ideal.

Em algumas das nossas orações de oblação, pedimos que o Senhor nos inspire o mesmo serviço humilde e alegre, seguindo as pisadas do nosso Pai Fundador. Falamos da sua liderança, que consiste em valorizar sempre os outros, estimá-los, valorizá-los, repreendê-los em caso de mau exemplo, mas com palavras menos ofensivas, estar atento a todas as categorias de pessoas e ser mais exigente conosco mesmos do que com os outros. Todo líder dehoniano deveria fazer suas as virtudes do Padre Fundador, apoiando-se nos lemas “*Ecce venio, Ecce ancilla*”, discípulo do amor e servo da reconciliação”.

Agora, coloquemos a questão: se Padre Dehon vivesse no nosso tempo, o que teria escrito aos seus leitores? Esta pode ser a conclusão do nosso trabalho.

CARTA DO PADRE DEHON AOS SEUS FILHOS

A caminho dos 150 anos da Congregação

Caros filhos,

Há 150 anos que, sob a inspiração do Sagrado Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo, a nossa Congregação viu a luz do dia. Este ano de graça faz-me recordar muitas memórias, das quais não poderei contar-vos tudo nesta missiva, cujo único objetivo é desejar-vos um feliz aniversário. No entanto, estou certo de que, ao lerem minha correspondência com meus interlocutores, vocês se sentiram tocados com algum dos acontecimentos vividos; talvez tenham se sentido edificados, surpresos ou até mesmo chocados em alguns momentos. Mas, como diz o Santo Papa João Paulo II em *Vita consecrata*, n. 110: “*Vocês não devem apenas relembrar e contar uma história gloriosa, mas devem construir uma grande história! Olhem para o futuro, para onde o Espírito os envia a fim de realizar, ainda com vocês, grandes coisas.*”

A vossa época não é a minha e pertencem a países e continentes cujas realidades são diferentes das da minha sociedade e do meu tempo. Mas revisitar o caminho percorrido, meditar sobre o desfecho da vida dos vossos antepassados, como diz a Epístola aos Hebreus (Hb 13, 7-9), vos dará motivação para um maior empenho. Gostaria, portanto, de dizer em poucas palavras que esta comemoração não deve ser um divertimento infantil, mas a valorização de uma herança recebida que vós deveis desenvolver e transmitir às gerações futuras.

Vocês estão a par, através das minhas cartas, da pré-história e da história da nossa Congregação, que está para celebrar o seu 150º aniversário. Gostaria, portanto, de vos relatar alguns dos muitos episódios que encontraram nas minhas cartas.

Quando obtive o meu doutoramento em Direito na Universidade da Sorbonne, em 1864, renovei pela enésima vez ao meu pai a minha vontade de me tornar padre. Para me desencorajar e talvez fazer-me esquecer a ideia, ele propôs-me visitar o Oriente-Médio, o sul da Europa e a Europa Central. Embarquei numa viagem de oito meses com um companheiro fiel e amável, o meu amigo Léon Palustre, com quem partilhava muitas coisas em comum durante a nossa estadia universitária em Paris. No final dessa viagem, tomei a decisão de entrar no seminário francês de Roma por recomendação do Santo Padre, o Papa Pio IX, que nos recebeu em audiência em maio de 1865. O meu maior sofrimento no início dos meus estudos em Roma foi convencer o meu pai de que a minha escolha não era para lhe causar mal, mas porque o meu chamamento vinha do Senhor, que, sem o meu saber, tinha grandes planos para

mim. Rezei durante os meus anos no seminário pela sua conversão e Deus atendeu-me. Fui também apoiado durante esse tempo por diretores, pelos meus superiores em Santa Clara e por amigos, cujas trocas de correspondência vos são conhecidas. Pela graça de Deus, fui ordenado sacerdote em dezembro de 1868, na presença do meu pai, que se deslocou a Roma com a minha mãe. Passei ainda três bons anos em Roma a preparar os meus doutoramentos em Teologia, Filosofia e Direito Canônico. No final de 1868, fui designado estenógrafo para o Concílio Vaticano I, que teve início em julho de 1870. Fomos formados para tomar notas, graças a esta ciência. Foi um grande prazer para mim participar nesta grande assembleia que acolhia em Roma bispos de todo o mundo.

Depois de obter os meus três doutoramentos em Roma, em 1871, regressei à minha diocese de Soissons, na França, onde fui nomeado 7.^o vigário da Basílica de São Quintino, encarregado da visita aos doentes, depois capelão dos alunos e, em 1873, capelão das Irmãs Servas do Sagrado Coração. O meu apostolado abriu-me os olhos para a miséria dos operários da fiação da cidade, que eram explorados como animais de carga, e surgiu-me a ideia de contribuir para fazer algo, não apenas para aliviar os sofrimentos desses infelizes, mas para levar a refletir sobre a transformação da sociedade por meio do Evangelho. Foi daí que surgiu a obra de São José.

Sempre senti que o Senhor me chamava à vida consagrada, mas nenhum ideal existente me seduzia verdadeiramente. Foi assim que, pouco a pouco, Ele me deu clareza sobre a congregação que eu deveria fundar para estender o reino do seu coração nas almas e na sociedade. Comuniquei-o ao meu bispo, Mons. Thibaudier, que tinha outro projeto para mim, a saber, fundar um colégio em São Quintino. Isso veio a calhar, aceitei-o de bom grado, dando início às duas obras ao mesmo tempo.

Entrei no noviciado em 1877, ao mesmo tempo que fundava e dirigia o colégio. Emiti os meus votos religiosos a 28 de junho de 1878, data que considero como o nascimento da nossa Congregação.

O Senhor abriu as portas aos primeiros companheiros, os padres Charcosset e André Prévot, no próprio dia da minha profissão; depois, as vocações foram tantas que foi necessário abrir uma escola apostólica em La Fayette e enviar os estudantes para os diferentes seminários em Paris, Bruxelas e Roma, após terem concluído o noviciado em São Quintino. Não faltaram dificuldades. Estão a par da minha situação com as Irmãs Servas, as nossas Irmãs, que tanto me ajudaram a fundar a obra e de quem me acusaram de acreditar que uma delas deu a vida por mim e de ter dado demasiado apoio às revelações de outra, a Irmã Maria de Santo Inácio. Isso

resultou em mal-entendidos entre o meu bispo e eu e, somado ao caso Captier, a situação levou à supressão do nosso instituto durante cerca de oito meses. Foi uma provação dolorosa, mas não é o apóstolo Pedro que compara as provações à purificação do ouro pelo fogo? (1 Pd 1, 7). Fiquei abatido, mas não derrotado. O Senhor inspirou-me a ter uma atitude comedida durante esse tempo e, tal como a Virgem Maria, dizia-Lhe apenas: “Fiat! Seja feita a Tua vontade”.

Quando a suspensão foi retirada, chegou um período de florescimento. Abrimos casas na Holanda, na Bélgica, no Luxemburgo e pensamos mesmo em ir para além-mar para a evangelização, graças ao grande zelo do P. Gabriel Grison. Em 1888, embarcou para o Equador com o P. Irénée Blanc, principalmente para Quito, onde viveu dez anos com as diferentes vagas de confrades e escolásticos até à sua expulsão em 1896. Não demorou a partir, em 1897, para o Congo Belga, para abrir uma nova frente missionária com o P. Gabriel Lux. Entretanto, a ordem crescia na Europa; confrades de outros países onde ainda nem sequer estávamos presentes, como a Alemanha e a Itália, batiam à porta. Uma segunda missão ultramarina surgiu no norte do Brasil em 1893 e este crescimento só iria ganhar amplitude no alvorecer do século XX.

Passamos por períodos difíceis com a oposição de alguns bispos. A abertura a outras culturas nem sempre foi fácil, nem a manutenção da unidade. Enfrentamos dificuldades financeiras, por vezes com falta de recursos, mas a Providência não nos abandonou. Deus deu-me colaboradores formidáveis, como os padres Stanislas Falleur e Barthélémy Dessons na gestão, pessoas dedicadas à formação, como o P. André Prévot, que foi mestre de noviços durante mais de duas décadas..., colaboradores leigos como Léon Harmel, o industrial de Vals-de-Bois.

Quando o Papa Leão XIII publicou a sua encíclica social *Rerum Novarum* em 1891, ele partilhava das minhas preocupações, pois eu estava imerso na pastoral social em São Quintino desde os meus primeiros anos de sacerdócio. Também tinha lançado um jornal em 1889 intitulado *O Reino do Coração de Jesus nas Almas e nas Sociedades*. Tive a honra de ter uma audiência com ele em 1893, na qual me recomendou que pregasse as suas encíclicas na França. Os anos de 1894 a 1898 foram de intensa atividade para divulgar os ensinamentos do Papa junto de grupos de trabalho como a Democracia Cristã. Chamavam-nos os padres Democratas, e empenhávamo-nos pela reconciliação da Igreja e da sociedade com conferências e publicações de livros muito apreciados, apesar dos ventos contrários orquestrados pela Maçonaria, que nutria um ódio contra a Igreja e conseguia prejudicá-la, pois os seus membros se tinham infiltrado no governo. O seu trabalho sujo culminou na separação entre a Igreja e o Estado, na confiscação dos bens das congregações religiosas e na sua expulsão da França. No

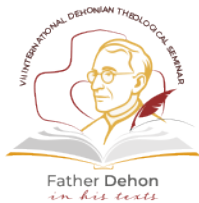
entanto, tal como nos primórdios da Igreja, as perseguições apenas reforçaram a nossa determinação em expandir a obra do Sagrado Coração pelo mundo. Ao mesmo tempo que avançávamos na fundação de casas na Europa, enviávamos missionários para além-mar, para o Brasil, para o Congo e, mais tarde, para os Camarões, a Indonésia, a África do Sul e os Estados Unidos. Quando faleci, a 12 de agosto de 1925, tive a alegria de ver os meus filhos já presentes em quatro continentes: a Europa, a América, a África e a Ásia; e é para mim hoje uma grande honra saber que eles alargaram a sua presença até a outros países onde ainda não estávamos. Ainda não estamos na Austrália, mas estou certo de que isso será possível num futuro próximo.

Com o aumento do número de membros, foi necessário reorganizar a nossa ordem em determinados períodos. Em 1907, considerou-se oportuno dividi-la em duas províncias: a província ocidental (francófonos, mas também italianos e holandeses) e a província oriental (Alemanha e Áustria). Na época, ainda não estávamos na Alemanha devido às turbulências do *Kulturkampf*. Em 1911, os holandeses, que se tornaram numerosos, conseguiram abrir também uma província própria. Esta divisão, longe de causar dissensões, contribuiu antes para as sanar e para estimular o zelo dos confrades de todas as partes.

Fico feliz por ver os progressos notáveis que realizaram desde o Concílio Vaticano II com a renovação das constituições. Os capítulos gerais debateram grandes temas que levam em consideração não só o crescimento da congregação, mas também a sua diversificação e o seu enriquecimento por cada uma das entidades onde se encontram. Entre outros: “Nós, Congregação”, “Coração aberto”, “interculturalidade”, “Ut unum sint”, “sinodalidade”... Continuam hoje a empenhar-se em difundir o reinado do Sagrado Coração nos diferentes continentes e as novas gerações já não são exclusivamente composta de europeus. Regozijo-me ao ver os filipinos e os vietnamitas evangelizando na Europa, os indianos, os indonésios e os africanos na América do Norte e na América do Sul.

Com a celebração deste jubileu, decidiram realizar peregrinações a alguns locais que guardam grandes memórias, como São Quintino, que foi o berço da nossa Congregação, Quito, que foi a nossa primeira missão ultramarina, a República Democrática do Congo, onde muitos confrades deram a vida pela sua fidelidade a Cristo e ao Evangelho, e Yogyakarta, que me traz a recordação da minha viagem à volta do mundo em 1910. Foi uma grande alegria para mim que os meus filhos da Holanda compreendessem o meu desejo de abrir a missão na Indonésia em 1923.

Ao celebrar este jubileu, pensem em todos os pioneiros que vos precederam e que vos oferecem exemplos vibrantes de perseverança, humildade, fé e abnegação. Vocês os têm nas



Congregation of Priests of the **Sacred Heart of Jesus**

VII Theological Seminar
Father Dehon in his texts
Taubaté, July 30 to August 4, 2026



vossas entidades, assim como em toda a Congregação. Tal como desejava Heródoto, o pai da história como ciência, não se deve permitir que as suas memórias caiam no esquecimento. Escrevam sobre eles para a posteridade, estimulando ao mesmo tempo as gerações mais jovens à criatividade.

Feliz aniversário a cada um dos meus filhos, onde quer que se encontrem, e a toda a Congregação.

O vosso servo dedicado, Léon Jean Dehon, junto do Pai.

ÍNDICE

Introdução1

I. Destinatários implícitos e correspondência do Padre Dehon1

I. 1. A família2

I. 2. Os amigos4

I. 3. As autoridades religiosas5

I. 4. Os confrades6

II. O Dehon das correspondências8

II. 1. A partir da forma dos seus escritos epistolares8

II. 1. 1. Os temas centrais da correspondência de Léon Dehon8

II. 1. 2. A correspondência na vida de Dehon9

II. 1. 3. Os recursos formais da correspondência de Dehon10

II. 1. 4. Recursos materiais da correspondência10

II. 2. A partir do conjunto da sua correspondência11

II. 2. 1. As grandes opções espirituais de Léon Dehon através da sua correspondência11

II. 2. 2. Algumas "figuras" de Dehon reveladas pelas cartas14

III. A atualidade das cartas do Padre Dehon20

III. 1. Inadequações em relação ao tempo e ao lugar20

III. 2. Que herança de Dehon nos sugere a leitura das suas cartas?22

Carta do Padre Dehon aos seus filhos24